



OLHARES E ENCRUZILHADAS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NO NORDESTE





Reitor
Vice-Reitor



Diretor
Conselho Editorial

Revisão
Projeto Gráfico



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

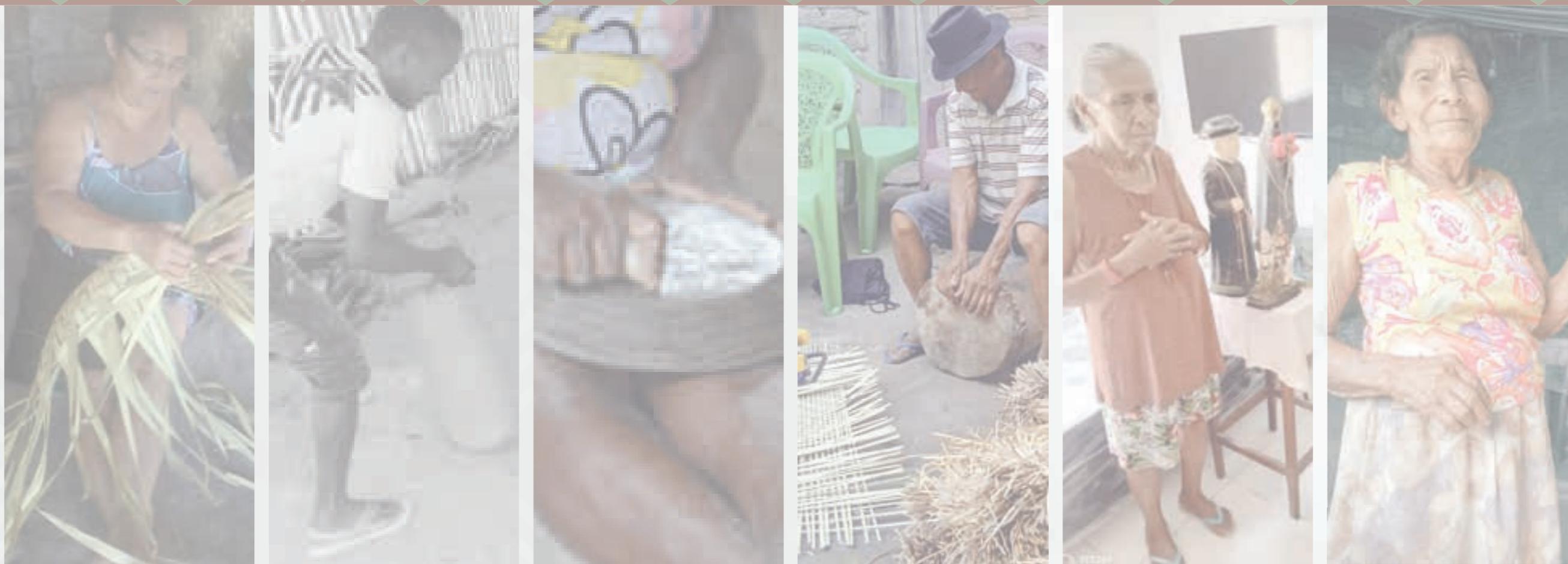
Prof. Dr. Natalino Salgado Filho
Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira
Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni
Prof. Dr. André da Silva Freires
Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante
Profª. Dra. Diana Rocha da Silva
Profª. Dra. Gisélia Brito dos Santos
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Prof. Dr. Carlos Delano Rodrigues
Profª. Dr. Felipe Barbosa Ribeiro
Prof. Dr. João Batista Garcia
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas
Bibliotecária Dra. Suênia Oliveira Mendes
Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior

Sansão Hortegal
Yvan Viana

Associação Brasileira das Editoras Universitárias



OLHARES E ENCRUZILHADAS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NO NORDESTE



EDUFMA



Projeto Gráfico, Diagramação e Capa Yvan Viana
Revisão Sansão Hortegal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O45

Olhares e Encruzilhadas sobre os povos indígenas e quilombolas no Nordeste/
Ana Caroline Amorim Oliveira (organizadora). – São Luís: EDUFMA,
2023.

61 p.: il.
Vários autores.
ISBN: 978-65-5363-228-8

1. Povos indígenas. 2. Povos quilombolas. 3. Nordeste. 4. Catálogo. I.
Oliveira, Ana Caroline Amorim. II. Título.

CDU: 39:017(812/813)

Bibliotecário: Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Natacha Oliveira CRB 13/804
PRODUZIDO NO BRASIL [2023]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

| EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma.sce@ufma.br

SUMÁRIO

06 Apresentação

07 Cultura tentehar
Santo Guajajara

14 A batalha das mulheres
indígenas paneleiras Mongoyó
no Território Batalha - Vitória
da Conquista-Bahia

*Ana Caroline Amorim Oliveira
José Alves Dias
Juliana de Oliveira Gonçalves*

23 A força do protagonismo feminino
na comunidade de Imbiral

Maria Alice Van Deursen

31 Pinheiro Quilombola,
Caruma da Memória

Alípio Felipe Monteiro

35 Conceição Quatí, “diz que a
minha toda nação é de índio”

Nelma Rolande

39 A produção louceira no
quilombo de Itamatatua,
Alcântara - MA - Brasil:
um saber ancestral

Arkley Marques Bandeira

50 História Indígena no Baixo
Parnaíba Maranhense: o processo
de retomada/levante do povo
Anapuru Muypurá

*Ana Caroline Amorim Oliveira
Richardes Lima Souza
Felipe Caldas Ramos
Roney Rodrigues do Monte
Edileuza dos Santos Silva*

57 Mulheres e suas práticas
de curas Xinguara-PA:
um olhar a partir de
gênero e memória

Cibele Nunes Cabral

APRESENTAÇÃO

Este presente catálogo OLHARES E ENCRUZILHADAS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NO NORDESTE, financiado pelo Edital Chamada Interna AFP PGCult-UFMA Nº 3/2022, do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade-Pgcult da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, é fruto de diversos olhares e trabalhos de pesquisa distintos, no entanto, teceram diálogos entre si. O primeiro ensaio fotográfico “I-Encontro das Parteiras Tenetehara/Guajajara na aldeia Lagoa Quieta, Terra Indígena Araribóia -MA” traz os registros fotográficos do fotógrafo indígena Santo Guajajara sobre o I encontro de parteiras Tenetehara/Guajajara que ocorreu nos dias 14 a 17 de julho de 2022 na aldeia Lagoa Quieta na Terra Indígena Arariboia localizada no estado do Maranhão.

Em seguida, o ensaio “Território Batalha - Vitória da Conquista - BA” dos autores Juliana Oliveira, Ana Caroline Amorim Oliveira e José Dias traz imagens do encontro das mulheres indígenas do povo Mongoyó Paneleiro no Território de Batalha no município de Vitória da Conquista no sudoeste da Bahia. Esse ensaio surge como desdobramento da dissertação da indígena Juliana Oliveira defendida na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) que pesquisou sobre o apagamento e invisibilização da história indígena da cidade e os processos de resistência através da arte de fazer panelas guardado pelas mulheres que provocou uma viagem ao território realizada no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia-PROCAD/CAPES do qual o Pgcult compõe junto à UESB.

O terceiro ensaio intitulado “A força do protagonismo feminino na comunidade de Imbiral” da mestre em Cultura e So-

ciidade (Pgcult/UFMA) Maria Alice Van Deursen é fruto da sua dissertação intitulada “Memória e História da Comunidade de Imbiral: alianças interétnicas constituídas entre indígenas e quilombolas”. Nesse ensaio fotográfico a autora apresenta o protagonismo das mulheres de Imbiral que são conhecidas por sua força, resiliência e determinação na defesa e preservação do seu território. A comunidade de Imbiral fica localizada na Baixada Maranhense, à margem oriental do médio curso do rio Turiaçu, no município de Pedro do Rosário-MA, distante aproximadamente 292 km da capital, São Luís.

Em sequência têm-se o trabalho de pesquisa do autor Alípio Felipe Monteiro dos Santos com o título “Pinheiro quilombola, Caruma da Memória” também, fruto da sua dissertação de mestrado defendida pelo PGCULT nomeada de “Memórias e Etnogênese das comunidades quilombolas do território do Caruma, Pinheiro, Maranhão”. Neste trabalho, o autor apresenta com imagens e reflexões produzidas no/pelo campo em que a política do tempo, que separa e seleciona memórias a fim de contar quem é Pinheiro, é desconstruída quando as comunidades tradicionais quilombolas se organizam e resolvem brincar à força a memória pinheirense, recolocando a si mesmos nos lugares de memória, reivindicando sua existência

Ainda na Baixada Maranhense a artista interdisciplinar e antropóloga Josinelma Rolande nos apresenta o ensaio “Conceição Quatí, “diz que a minha nação toda é de índio” fruto das suas reflexões da tese de doutoramento na Universidade de Brasília (UnB). Neste ensaio a autora nos apresenta a Dona Maria da Conceição Leite Pimenta, conhecida no Povoado Aldeia por Conceição

Quatí, apelido que herdou do pai Inácio Quatí, Inácio Costa Leite, ela é um corpo-documento bisneta de uma mulher indígena “apanhada no mato a cachorro”, capturada, sequestrada.

Logo depois, os registros do arqueólogo e pesquisador Arkley Marques Bandeira sobre “ Modos de fazer cerâmica artesanal do Maranhão” em que evidencia em seus registros o modo de fazer cerâmica da comunidade quilombola de Itamatatua, em Alcântara - MA. Este estudo constitui-se em um campo de pesquisa extremamente importante, pois trata-se de uma das últimas comunidades quilombolas do Brasil a manter o ofício artesanal de manufatura cerâmica.

E, por fim, os registros fotográficos do trabalho de campo do projeto de pesquisa “História Indígena no Baixo Parnaíba Maranhense” (FAPEMA) coordenado pela professora Ana Caroline Amorim Oliveira composta pelos estudantes do Programa de Iniciação Científica-PIBIC do Curso de Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Neste ensaio é narrado em imagens as idas a campo no município de Brejo e seus povoados onde há memória e presença indígena do povo Anapuru Muypurá que está em processo de levante/retomada.

Este catálogo é dedicado aos povos originários e comunidades tradicionais. Ele se configura enquanto uma singela contribuição às lutas e resistências dos mesmos. Que este material possa ampliar os olhares sobre os povos e comunidades tradicionais numa perspectiva de mais respeito à sua multiplicidade.

Boa viagem!
Ana Caroline Amorim Oliveira



FOTO: SANTO GUAJAJARA, 2022



**(ZOROMO MEMEK) - UMA
PANELA COM ABOBORA
COZIDA QUE FEITO COM
MINGUAU DE ABOBORA
QUE SERVIDO NA HORA DO
ALMOÇO OU NO CAFÉ DA
MANHÃ DOS TETE HAR**



FOTO: SANTO GUAJAJARA, 2022.



COMIDA NA MESA PRONTA PARA SER SERVIDAS PARA AS CONVIDADAS DO ENCONTRO DAS PARTEIRAS



UM MOMENTO MUITO ESPECIAL DO ENCONTRO DAS PARTEIRAS, DE COMPARTILHAR O CONHECIMENTO. ELAS FAZEM UMA RODA DE CONVERSA, CADA UMA DELAS CONTA SUA EXPERIÊNCIAS QUE VIVERAM REALIZANDO UM PARTO. UM MOMENTO DE APRENDIZAGEM E DE VALORIZAR O CONHECIMENTO E A IMPORTÂNCIA DAS PARTEIRAS



A batalha das mulheres indígenas paneleiras Mongoyó no Território Batalha - Vitória da Conquista-BA

ANA CAROLINE AMORIM OLIVEIRA¹

JOSÉ ALVES DIAS²

JULIANA DE OLIVEIRA GONÇALVES³

O nome mais concorrido na História do Arraial da Conquista é do sertanista João Gonçalves da Costa, preto forro, que ocupou o Sertão da Ressaca, em fins do século XVIII, em nome da Coroa Portuguesa. Concomitantemente, o seu feito mais conhecido é o Banquete da Morte, no qual os indígenas Mongoyó foram brutalmente assassinados, após serem ludibriados, com uma promessa de trégua, após intensos conflitos para preservação do seu território ancestral.

Fato notável, entretanto, é que não existem registros tão consistentes a respeito dos primeiros habitantes da faixa de terra entre o Rio Pardo e o Rio das Contas, denominados genericamente de Mongoyó, Ymboré e Pataxó, assim como, pouco se sabe sobre suas origens e o seu cotidiano.

Para sanar, em parte, esse lapso de memória foram realizados os registros fotográficos que compõem esse ensaio, nos quais os arte-

fatos de barro, elaborados por mãos femininas, dão cores e formas às práticas dos indígenas paneleiros Mongoyó, há varias gerações.

LOCALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DE BATALHA

Denominada, em 1940, de Vila Imperial da Vitória e, após a Proclamação da República, em 1891, elevada à categoria de cidade e designada pelo topônimo Conquista, atualmente, Vitória da Conquista é um município do estado da Bahia, com uma área total correspondente a 3.254,186 km (IBGE, 2021) e a população estimada de 343.643 pessoas (IBGE,2022), para o ano de 2021.

O território de Batalha está localizado na Zona Rural de Vitória da Conquista, a pouco menos de 12 km de distância do centro urbano, distrito de José Gonçalves. Atualmente seu alcance geográfico se estende por três comunidades: Fazenda Batalha, Ribeirão dos Paneleiros e Lagoa do Arroz, essas reconhecidas pela Fundação Palmares como Quilombolas. A região limita-se ainda com o Povoado Pedra Branca, Comunidade de Lagoinha, Lagoa de Maria Clemência e com a região que fora outrora denominada Laje do Gavião. A estrada que permite acesso à Batalha localiza-se do lado oeste do bairro Bruno

Bacelar, bairro periférico de Vitória da Conquista. (GONÇALVES, 2022).

Ali encontra-se a Serra de Santa Inês que constituiu-se, como a maior parte das reservas ambientais do país, numa área preservada pela comunidade, mesmo diante das pressões urbanas e econômicas. O seu nome “refere-se a um espírito indígena componente do corpo ancestral” e o “local é tido como encantado” e “foi utilizada como ponto estratégico pelos indígenas para garantir suas sobrevivências”. (GONÇALVES, 2022,p.96).

O acesso a esse universo quase intocável e cheio de experiências enigmáticas é restrito a poucas pessoas, em especial os anciões, que conseguem identificar os caminhos desse relevo monumental. Para eles, inclusive, trata-se da Serra da Inês que somente agregou o adjetivo por ocasião do intercâmbio religioso oriundo do contato continuado com os cristãos europeus. (GONÇALVES, 2022, p. 98).

OS SILENCIAMENTOS DA BATALHA

Ainda que cercada por esse ambiente bucólico, as interdições ao local têm sido frequentes, provocadas por uma grande concentração de latifúndios e, mais recentemente, pelo lotea-

¹ Docente do programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade-PGCULT

² Professor Doutor do Departamento de História da UESB e do programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - PPGMLS

³ Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela UESB.

*Este ensaio foi realizado no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia - PROCAD-CAPES, composto pela UFMA, UEMA e UESB. Agradecemos o financiamento para esta realização.

AS MULHERES DA BATALHA

O manejo do barro no território de Batalha é uma ocupação tipicamente feminina e restrita àquelas que tiveram contato com suas mães, tias, avós, bisavós das gerações anteriores. Além de detentoras do saber, as mulheres são guardiãs da memória das comunidades, dos castigos e das humilhações a que eram submetidas as indígenas e negras que outrora eram maioria na população originária.

São elas, também, que detém o conhecimento das ervas, da preparação de beberagens e dos rituais de culto. Mas a conotação negativa, a atitude preconceituosa e a perseguição dos colonizadores e grileiros restringiu essas práticas e dificultou a sua transmissão às mulheres mais jovens. As rezadeiras, todavia, ainda são presentes no território de Batalha e agregam, como de costume, as ladainhas e o preparo de ervas medicinais para tirar o quebranto, prevenir a inveja, solucionar problemas e curar doenças.

MEMÓRIAS DAS PANELEIRAS

Desde criança, Juliana (*Foto ao lado - terceira, em pé, da esquerda para a direita*) cresceu ouvindo seus ancestrais se autodesignarem como “índios”, porque eram todos das matas, eram caboclos de “sangue indomável”. Cresceu desbravando mato com a sua avó, à procura de novos lugares para pescar, ajudando seu avô a plantar a roça e descobrindo que, em cada cova, não poderia ser



MULHERES NO MANEJO DO BARRO

FOTO: ANA CAROLINE AMORIM OLIVEIRA 2022.

e aproximação do núcleo urbano a fabricação de panelas, substantivo que identifica todo o tipo de produção com o barro, a comercialização passou a ser necessária.

Os principais pontos de venda se localizavam ao redor das feiras livres, em espaços destinados pela prefeitura municipal para lojas de produtos de argila, palha, madeira e similares. Nas últimas décadas, as paneleiras foram instaladas na Ceasa (Central Estadual de Abastecimento) Edmundo Flores, um empreendimento de distribuição de produtos hortifrutigranjeiros em Vitória da Conquista - BA.

As panelas de barro não tinham um valor econômico significativo agregado, não obstante, sejam consideradas melhores para o cozimento de alimentos como feijão, arroz, carnes e peixes. Ainda assim, sempre foram tidas como um artesanato rústico e fabricado com argila comum na região. Diante disso, muitas mulheres abandonaram o ofício e se ocuparam em outros setores profissionais. Ainda assim, persiste a memória das paneleiras e a elas se referem quaisquer pessoas que comentam sobre os potes, os vasos e panelas feitas de barro. A argila local tem sido, há muito tempo, a referência para a confecção de tijolos e telhas para as casas do município e o assédio de indústrias que utilizam o barro como matéria-prima.

PRODUÇÃO DAS MULHERES

Entre as mulheres paneleiras, Maria de Oliveira Gonçalves é umas das mais experientes e declara-se indígena. A certeza está nos traços fenóticos marcantes, na solidariedade com os amigos e vizinhos e, principalmente, pela habilidade de fazer



MARIA ELZA – PANELEIRA MONGOYÓ

FOTO: ANA CAROLINE AMORIM OLIVEIRA 2022.

indígenas paneleiros Mongoyó são complexas, contudo, não exigem ferramentas sofisticadas. Exceto pelo mineral coletado nas proximidades e pelo forno construído no quintal, todo o processo depende da especialização e das mãos do obreiro. No território de Batalha esse conhecimento é transmitido por intermédio da oralidade e da observação direta. O registro fotográfico é, portanto, a memória dos modos de fazer, ensinar e de perpetuar a confecção de panelas.

A sua estética, bem comum em diversos lugares, reflete o manuseio de cada pessoa e são o seu registro de autoria. Ainda que uma mesma pessoa produza várias peças, de uma mesma categoria, elas não serão idênticas. O tamanho, a cor, a capacidade e o formato variam de acordo com a mistura, o manuseio e a queima do barro. Quando expostas para a comercialização são valorizadas pela utilidade na cozinha, no jardim ou no ambiente de trabalho. Nas situações em que são apresentadas como uma manifestação artística agregam valor econômico e protagonismo étnico aos seus criadores.



UTILIDADE E BELEZA

FOTO: ANA CAROLINE AMORIM OLIVEIRA 2022.



REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Juliana de Oliveira. Memórias da ocupação do Sertão da Ressaca: projeto de etnocídio dos indígenas paneleiros Mongoyó. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Área territorial brasileira 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades e Estados. Vitória da Conquista. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/vitoria-da-conquista.html>. Consultado em 16 de dezembro de 2022.



A força do protagonismo feminino na comunidade de Imbiral Cabeça - Branca no Maranhão

MARIA ALICE PIRES OLIVEIRA VAN DEURSEN¹

Este ensaio é fruto da minha dissertação de mestrado² que tem como título “Memória e História da Comunidade de Imbiral: alianças interétnicas constituídas entre indígenas e quilombolas”. Em um primeiro ensaio fotográfico sobre a comunidade publicado no catálogo, Diversidade Socio-cultural Sustentabilidade e Atividades Socioeconômicas, enfatizei as relações afro-indígenas presentes desde a formação da comunidade. Neste ensaio, destaco o protagonismo das mulheres de Imbiral, conhecidas por sua força, resiliência e determinação na defesa e preservação do seu território.

Imbiral Cabeça-Branca é um núcleo populacional autodeclarado quilombola, porém a comunidade, desde sua formação, tem forte presença indígena. Fica localizada na Baixada Maranhense, à margem oriental do médio curso do rio Turiaçu, no município de Pedro do Rosário-MA, distante aproximadamente 292 km da capital, São Luís.

O Território de Imbiral tem grande relevância histórica principalmente por ser guardião das ruínas do importante quilombo São Benedito do Céu, palco da organização e deflagração de um dos episódios mais importantes da história do Maranhão, a revolta conhecida como Insurreição de Escravos em Viana, ocorrida em 1867 (ARAÚJO, 2014).

Por ocasião da Guerra do Paraguai, diversas tropas do país, incluindo aquelas provenientes da então Comarca de Viana, foram mobilizadas para a frente de batalha. Essa conjuntura favorável foi vista pelos moradores do quilombo São Benedito do Céu como uma oportunidade para buscar a abolição da escravidão na região. Diante disso, eles organizaram um ataque armado às principais fazendas locais, libertaram os escravizados e enviaram uma carta às autoridades de Viana exigindo a abolição, com a ameaça de invasão da cidade caso não fossem atendidos (cf. ARAÚJO (2014) e VARGA (2019).

A geografia formada por um emaranhado de igarapés e a densa vegetação, tornou o local de grande importância estra-

tégica para a organização da Insurreição. Posteriormente, tornaram-se alvos de forte repressão por parte das tropas do Estado. Atualmente a comunidade formada por quilombolas e indígenas Gamella, sofre constantes invasões e ameaças que comprometem seu modo de vida, é na força dos seus habitantes, principalmente das mulheres, que práticas cotidianas de resistência são construídas, pois o território simboliza a representação de suas identidades étnicas e culturais.

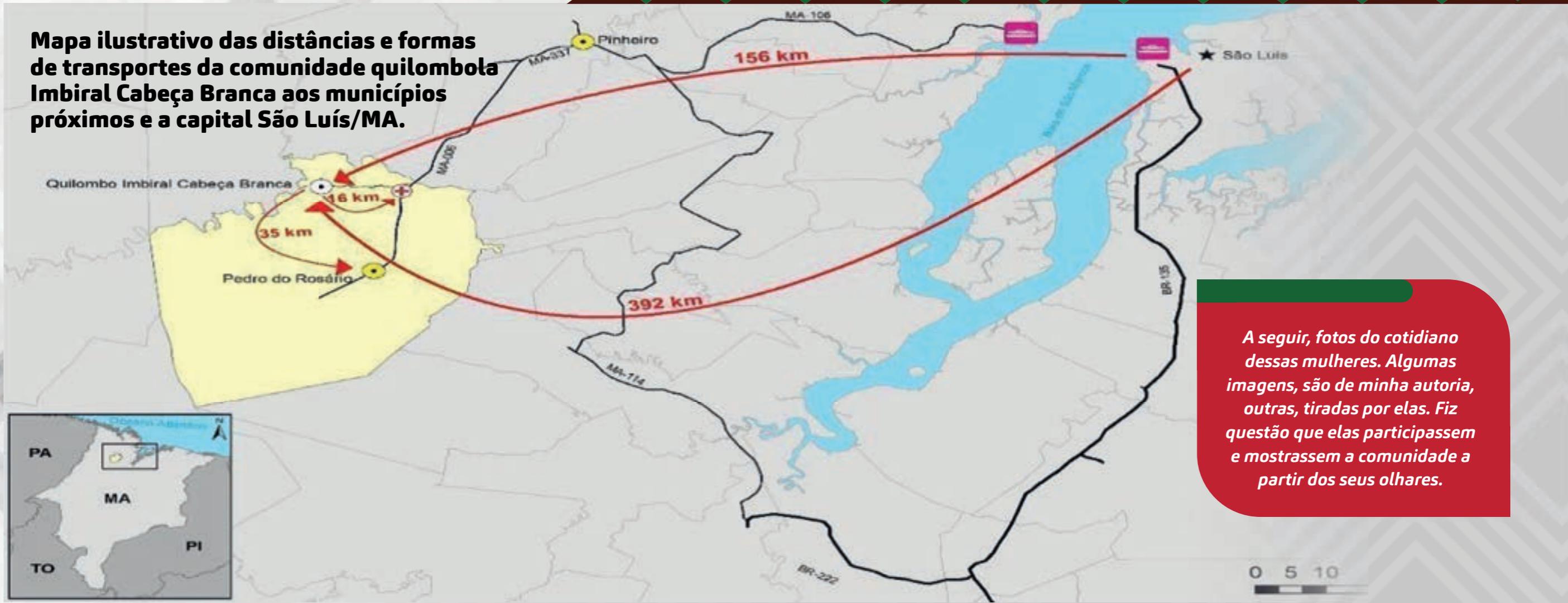
Como devolutiva da minha pesquisa e agradecimento por tanto acolhimento integrei uma equipe técnica interdisciplinar para elaborar, de forma voluntária, o Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica, Ambiental e Sociocultural do Território Quilombola Imbiral Cabeça-Branca, essencial para a titulação do Território já certificado pela Fundação Palmares.

No início de dezembro do presente ano, tivemos o prazer de retornar à comunidade para fazer a entrega do Relatório já totalmente aprovado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA.

¹Mestra em Cultura e Sociedade (Pgcult) UFMA. E-mail: mapovd@gmail.com

²DEURSEN, Maria Alice Pires Oliveira Van. **Memória e História da comunidade de Imbiral: relações interétnicas entre indígenas e quilombolas.2022.**137f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

Mapa ilustrativo das distâncias e formas de transportes da comunidade quilombola Imbiral Cabeça Branca aos municípios próximos e a capital São Luís/MA.



A seguir, fotos do cotidiano dessas mulheres. Algumas imagens, são de minha autoria, outras, tiradas por elas. Fiz questão que elas participassem e mostrassem a comunidade a partir dos seus olhares.

- Quilombo Imbiral Cabeça Branca
- Sede municipal
- São Luís
- Unidade Básica de Saúde
- Terminal de Ferry Boat
- Estrada vicinal
- Rodovia Estadual
- Rodovia Federal
- Pedro do Rosário
- Maranhão
- Brasil

Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum: SIRGAS 2000
 Base: Limites do Maranhão: Rodovia-MA
 Fonte: CPRM, 2013; ZEE-MA, 2020
 Elaboração: Igor de Lucas Santos, 2021.

² Viana abarcava, à época, boa parte dos municípios da hoje denominada Baixada Ocidental Maranhense.

FONTE: REIS, 2020, P. 18.

Cotidiano das mulheres de Imbiral

É importante observar que, além dos afazeres domésticos, dos cuidados com a casa e os filhos, elas também praticam várias atividades extrativistas, se ocupam dos trabalhos agrícolas, como plantar e colher arroz, da pesca, de trabalhos tradicionalmente atribuídos aos homens, como o manejo e a coleta da juçara. Este último, consiste em subir nas palmeiras para colher os frutos. Essas mulheres assumem o protagonismo das suas vidas e desenvolvem importantes atividades que asseguram a base alimentar da família.

Mayana Teixeira, é uma jovem mãe de gêmeos, consciente que sua luta diária não se resume apenas em contribuir com o sustento da família, ela compreende a importância do empoderamento feminino na busca pela igualdade de gênero e no combate à estrutura patriarcal. Ao confeccionar uma “peia” de palha de palmeira para atar os pés ao coletar juçara, ela indaga: onde tá escrito que não posso subir num pé de juçara só porque sou mulher? Quem disse que não posso ir até ao rio pescar meus peixes para alimentar a minha família? Eu não espero por ninguém, nem por homem nenhum, eu vou lá e faço. Esse questionamento de Mayana nos remete a escritora Bell Hooks (2013, p.120) “a política de identidade nasce da luta de grupos oprimidos ou explorados para assumir uma posição a partir da qual possam criticar as estruturas dominantes, uma posição que dê sentido e significado à luta”.

OTO: LUZENILDE TEIXEIRA (2020)



MAYANA TEIXEIRA AMAMENTANDO SEUS DOIS FILHOS GÊMEOS.



MAYANA TEIXEIRA COLETANDO JUÇARA

FOTO: ALICE VAN DEURSEN (2022)



GESTANTE SENDO EXAMINADA POR RAIMUNDO CARDOSO DA EQUIPE DE SAÚDE DO NÚCLEO DE EXTENSÃO EM PESQUISA COM POPULAÇÕES E COMUNIDADES RURAIS, NEGRAS, QUILOMBÓLAS E INDÍGENAS (NURUNI) /UFMA.

“O fascínio de heroicidade de um povo regularmente apresentado como dócil, e subserviente reforça o caráter hodierno da comunidade negra que se volta para uma atitude crítica frente às desigualdade sociais a que está submetida. Por tudo isto, o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional”. (NASCIMENTO, 1985, p.48)

Historicamente, os quilombos sempre serviram de símbolo de resistência étnica e política. É antes de tudo, uma organização social, uma tentativa dessas pessoas manterem sua autonomia cultural. Dessa forma, as mulheres da comunidade entendem que manter essa tradição não é só uma questão de estética mas é uma forma de sobrevivência da sua negritude.



NILZA TEIXEIRA, FUTURA PAJÉ, DURANTE FESTA DE SANTA BÁRBARA

O protagonismo feminino dessa comunidade se revela fortemente na jovem Nilza Teixeira, 26 anos, filha do pajé, Luiz Teixeira, que está sendo preparada para ser a sucessora do seu pai. De acordo com o líder espiritual, pajé “já nasce feito” e desde cedo, ele observou que Nilza possuía dons de visão e de cura. Atualmente ela já fez o ritual de iniciação denominado “encruzo.” Nesse ritual, o pajé incorpora seu encantado mestre, retira do seu próprio corpo as contas de encantaria e coloca no corpo do seu discípulo, ocasião em que poderes são transferidos para o discípulo, a exemplo do dom da vidência. Nilza revela que sonha em fazer um curso de enfermagem, gostaria de unir seus dons de cura com o conhecimento que pretende adquirir, para atender as pessoas da comunidade. No entanto, a única escola existente em Imbiral só oferece o Ensino Fundamental, impedindo assim os jovens de darem continuidade aos estudos. Com muito esforço, alguns jovens conseguem concluir o Ensino Médio em outros municípios, como Pinheiro ou Viana, passam a semana na casa de algum conhecido e retornam aos finais de semana para Imbiral. A foto ao lado, foi tirada durante a celebração da festa da protetora da comunidade, Santa Bárbara, sendo esta, a festividade religiosa de maior importância para eles, reforçando ainda mais o protagonismo feminino, pois a comunidade também confia sua proteção a uma figura feminina.



**A PESQUISADORA ALICE VAN DEURSEN
COM CRIANÇAS DE IMBIRAL**

REFERÊNCIAS

ARAUJO, M. 2014. Insurreição de escravos em Viana – 1867. 3ª edição. São Luís: Maria Raymunda Araujo, 2014.

DEURSEN, M. A. P. O. V. Memória e História da comunidade de Imbiral: relações interétnicas entre indígenas e quilombolas. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p.120.

NASCIMENTO, M. B., O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: Afrodiáspora: Revista do mundo negro. Nº 6-7. Ipeafro, 1985, p.41-49.

REIS, C. S. Acesso das mulheres em comunidades remanescentes de quilombo da região de Pinheiro/MA aos serviços de promoção e prevenção da saúde e o exercício aos direitos sexuais e reprodutivos. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente) Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

VARGA, I. V. D.. A Cabeça Branca da Hidra e seus pântanos:. REVISTA DE HISTÓRIA, v. 1, p. 1-34, 2019.

VARGA, I. V. D.; SANTOS, P. A. ; DEURSEN, M. A. P. O. V. ; DEMBOSKI, P. ; SA, A. M. A. E. ; AMORIM, L. P. . Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica, Ambiental e Sococultural do Território Quilombola Embril Cabeça-Branca, Pedro do Rosário, Maranhão (Acompanhado de outros subsídios auxiliares ao Relatório Técnico de Identificação e De

Pinheiro Quilombola, Caruma da Memória

ALÍPIO FELIPE MONTEIRO¹

Faz-se entender aqui que os povoados quilombolas de Pinheiro existem e manobram memórias para convencer de que existem e para convencer de que Pinheiro, esse município da Baixada Maranhense, tem, desde a sua fundação, um passado escravista pouco comentado e que possui, assim, um presente quilombola menos comentado ainda.

O município de Pinheiro contabiliza mais de 35 (trinta e cinco) comunidades auto identificadas como quilombolas. Sua formação social, territorial e histórica tem relações com a expansão dos latifúndios da parte ocidental do Estado, sobretudo dos municípios mais antigos das regiões da Baixada Maranhense e Reentrâncias Maranhenses².

Aqui existem 05 registros que envolvem a presença dessa memória quilombola pinheirense, tendo por foco as comunidades quilombolas do Caruma que foi uma fazenda e engenho pertencente à família Guterres, cujo sobrenome alocou uma família de prestígio social, com poder econômico, político e militar em Pinheiro durante a segunda metade do século XIX. O Caruma possuía um suntuoso casarão de madeira onde habitavam a família Guterres, bem como uma imensidão de hectares com plantações de cana, criação de bovinos, engenho de cana-de-açúcar movido a boi e açudes. Ademais, a família possuía escravos (de acordo com a memória dos quilombolas) e empregava trabalhadores livres que habitavam e habitam sua descendência na terra pertencente à família, formando um complexo intercomunitário com diversas relações entre si e com os Guterres (SANTOS, 2021).



PRIMEIRA REUNIÃO NO POVOADO CARUMA ETNOGRAFADA, EM 2018

FOTO: ALÍPIO SANTOS (SANTOS, 2021, P. 109).

¹Mestre em Cultura e Sociedade-PGCULT pela Universidade Federal do Maranhão -UFMA. Docente licenciado em ciências humanas/História UFMA.

²Este ensaio faz referência direta à minha pesquisa de mestrado e ao texto dissertativo intitulado: “Memórias e Etnogênese das comunidades quilombolas do território do Caruma, Pinheiro, Maranhão” (SANTOS, 2021), realizado e publicado junto ao PGCULT-UFMA.

Na imagem da página anterior, vemos os mais velhos da comunidade reunidos para discutir a situação de pertencimento, sua história e relações no presente com os Guterres, bem como a questão fundiária. Dialogando com os moradores, com folhas na mão, encontra-se Edilson, o presidente do quilombo Pacoã. Ele estava, ainda em 2018, conversando com o povoado Caruma sobre a importância deles se auto-identificarem como quilombolas. Esse momento é importante porque a identidade quilombola está sendo politizada e construída, assimilada e reconhecida, “etnogesidas” e operacionadas em prol da urgência do presente que é a proteção de si mesmo e de suas terras que estavam sendo constantemente invadidas e usurpadas.

Mas, quem é o povoado Caruma e onde se encontra? A antiga fazenda Caruma deu origem ao atual território quilombola Caruma, localizada na zona rural do município de Pinheiro, ela é acessada pela rodovia MA - 006, sentido de Mirinzal, Central, Guimarães, Cururupu e outros municípios, distante cerca de quarenta e cinco minutos de automóvel do centro do município, com mais cinco minutos por uma estrada vicinal, que desvia da rodovia. O território de 1.800 hectares é formado por quatro comunidades oficialmente reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares como comunidades remanes-

centes de quilombo, sendo elas: Pirinã, Pacoã, Proteção e Sudário; e um povoado que herdou o nome da fazenda, denominado Caruma e que se identificam como herdeiros, e que suas terras são Terras de Herdeiros; todas estas comunidades possuem em seus históricos incontáveis ligações com a fazenda Caruma, no período de escravidão e depois dele.

A fazenda foi criada, segundo depoimentos, na segunda metade do século XIX. Por território, entende-se aqui o complexo formado por vários povoados e comunidades quilombolas, distinguindo-se, portanto, da comunidade Caruma, onde tudo começou. Atualmente, a comunidade contava, na época, com cerca de 15 residências e em torno de 80 moradores.

Do engenho sobraram restos materiais, mas também sobraram memórias que constroem o ser quilombola. O engenho é certamente o lugar que carrega boa parte da memória do povoado. São as peças do engenho que gritam o passado. O caminho até os restos do engenho e a procura do elemento “sumidouro”, um poço utilizado para lançar os escravizados como forma de castigo, é guiado pelo quilombola Benedito Ferreira, que abre as matas com as mãos, ao mesmo tempo que abre a história quilombola pinheirense com suas narrativas orais sobre o passado.

ALIPIO SANTOS (SANTOS, 2021, P. 96)



PEÇA DE MOENDA

E então encontramos os lugares de memória: restos do engenho aqui e acolá; poços, fornalhas, bases de casesbres antigos e história, memória quilombola, de Terra de Herdeiros. Pinheiro é quilombo não somente na memória, mas na cultura atual presente em muitos quilombos, dentre eles, Sudário manifesta seu tambor de crioula num louvor à história da negritude aquilombada e resistente ao passado colonial tão presente. Sim, nada é mais presente do que o passado colonial quando o assunto é cultura. Muito dos esquecimentos existentes na memória são projetados com propósito de fazer esquecer a cultura negra em Pinheiro, e fazer exaltação da cultura lusitana ou daquilo que o branco quer fazer lembrar e propagar terror cultural nas seleções das memórias coletivas. Mas Sudário toca tambor, não terror.



BENEDITO FERREIRA NOS GUIANDO NA MATA À PROCURA DOS POÇOS ANTIGOS

AUTORIA DE ARKLEY BANDEIRA, 2021 (SANTOS, 2021, P. 116):



**COMPRADORA EM AMEAÇA DIRETA
AOS MORADORES DE SUDÁRIO**

Foi a ameaça as suas terras que fizeram com que Sudário, Pacoã, Proteção e Pirinã reconhecessem a fundação de suas comunidades como remanescentes quilombolas. Eles sempre souberam que eram, só faltava o presente acionar o passado.

Na pesquisa que engendrei sobre o Caruma, afirmei que existe essa política do tempo que separa e seleciona memórias a fim de contar quem é Pinheiro. Essa política é desconstruída quando as comunidades se organizam e resolvem brincar à força a memória pinheirense, recolocando a si mesmos nos lugares de memória, reivindicando sua existência (SANTOS, 2021). O tempo é, então, politizado para demonstrar que Pinheiro é quilombola e Caruma também.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Alipio Felipe Monteiro dos. Memórias e Etnogênese das comunidades quilombolas do território do Caruma, Pinheiro, Maranhão. 2021. 196 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade/CCH) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021. Disponível em: <https://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UFMA_12ba6d978074a981b6c8878bea25650f> Acesso em: 12 dez. 2022.

TEIXEIRA, T. G. Quilombos de Pinheiro, Maranhão. Wixsite, 2016. Disponível em: <<https://tadeugteixeira.wixsite.com/quilombosdepinheiro/inicio>> Acesso em: 12 dez. 2022.

Conceição Quatí, “diz que a minha toda nação é de índio”¹

NELMA ROLANDE²

Dona Maria da Conceição Leite Pimenta, conhecida no Povoado Aldeia por Conceição Quatí, apelido que herdou do pai Inácio Quatí, Inácio Costa Leite, ela é um corpo-documento³ bisneta de uma mulher indígena “apanhada no mato a cachorro”, capturada, sequestrada. Filha de Maria Norata Pinheiro, neta de Servina Pinheiro e bisneta de Catarina, a qual ela não lembra o sobrenome, não sabe se era Pinheiro, mas recorda: “Minha avó já era mistura do índio, tá vendo? Mas a bisavó já era mais índia”. Dona Conceição Quatí traz no corpo e nas práticas cotidianas parecenças indígenas que ela não nega, destaca: “Eu vejo dizer que minha avó, a minha bisavó era gente de índio, era aparentada com índio. E eles me olham e diz que eu sou igual índio porque tenho os olhinho pequenininho. Por isso que muita gente me olha e diz, tu é raça de índio. Eu não digo nada porque diz que a minha toda nação é de índio.”



“EU GUARDO O RETRATO DA MINHA MÃE E DO MEU PAI.”

¹Fragmentos de uma tese em construção.

²Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Mestra em Ciências Sociais e Graduada em Licenciatura em Educação Artística pela Universidade Federal do Maranhão.

³Alex Ratts no livro “Eu sou atlântica” (2006), traz contribuições importantes acerca do conceito corpo-documento elaborado por Beatriz Nascimento, especialmente, no filme Orí. De acordo com Ratts (Ibid. p.68 e 74), para Beatriz Nascimento, o corpo é o principal documento da transmigração (termo cunhado pela autora para falar da “mobilidade, em geral forçada, da população negra, de África para a América e dentro do Brasil, entre o rural e o urbano, entre o Nordeste e o Sudeste”), sendo o corpo o lugar da memória. Nesta pesquisa faço literalmente uma transmigração do conceito corpo-documento, da travessia africana para a captura de mulheres indígenas nos sertões do Brasil.



"EU, MEU MARIDO JOSÉ RAIMUNDO PIMENTA, MEU FILHO ROSALDO DOS SANTOS LEITE PIMENTA E MINHA NETA THAIS RODRIGUES PIMENTA."



EU OUVINDO HISTÓRIAS DE DONA CONCEIÇÃO QUATÍ



A PRODUÇÃO LOUCEIRA NO QUILOMBO DE ITAMATATIUA, ALCÂNTARA – MARANHÃO, BRASIL: um saber ancestral

ARKLEY MARQUES BANDEIRA¹

A palavra cerâmica vem do grego “keramikós”, que significa argila queimada. Ela surgiu na pré-história quando o homem, após descobrir o fogo, utilizou-o para queimar o barro, produzindo assim utensílios domésticos (vasilhas, potes, etc.). Como o próprio nome diz é um produto oriundo do manuseio e queima da argila. O ofício de ceramista e o próprio produto carregam consigo grande valor arqueológico, isso se deve ao fato de ser um material bastante resistente e que envolve informações sobre o comportamento humano e de grupo de determinada região, a exemplo de suas características culturais, modo de vida e costumes, sendo assim objetos de investigação valiosos para as ciências humanas (ARNOLD, 1985).

Estudos de Bandeira (2013) em sítios arqueológicos denominados sambaquis, com artefatos cerâmicos datados de até 6.600 anos atrás comprovam que o Maranhão apresenta um dos mais antigos resquícios de atividades ceramistas do Brasil referente a povos pré-coloniais que viviam na Ilha de São Luís. Ainda segundo este autor, foi a partir daí que a manufatura e produção de cerâmica e de produtos de barro se disseminaram entre quase todos grupos indígenas conhecidos arqueologicamente e etnograficamente e com a chegada de muitos africanos na época da escravidão novas técnicas de produção ceramistas foram incorporadas e partilhadas entre os nativos do Brasil, resultando em uma cerâmica denominada de neobrasileira.

A produção de peças de cerâmicas pode ser desenvolvida por diversas maneiras, o que condiciona a forma de se

fazer cerâmica é a tradicionalidade e a técnica. Entre os procedimentos mais utilizados da produção de cerâmica temos a roletada, modelada e moldada onde muitas vezes são utilizados equipamentos auxiliares como, por exemplo, o torno e também podem ser acrescentados materiais para melhorar a textura ou torná-los mais resistentes como cascas de árvores, areia, restos de cerâmicas entre outros, além de envolver habilidades e talento (BELLIDO, LATINE, 2013).

Contudo, ainda persistem modos de fazer cerâmica mais tradicionais sem a utilização de equipamentos, por meio de técnicas ancestrais. Apesar da modernização e variedade de tipos de matéria prima na fabricação de utensílios domésticos, alguns povos tradicionais como indígenas e quilombolas ainda que de forma rara, preservam a ancestralidade e produção de peças de cerâmica.

¹Docente do Departamento de Oceanografia, Limnologia e Arqueologia – Universidade Federal do Maranhão. Docente Permanente do PGCult e PRODEMA – UFMA. Professor de Produtividade em Pesquisa 2 – CNPq. Email: arkley.bandeira@ufma.br

A comunidade de Itamatatua

A comunidade quilombola do Itamatatua fica localizada na região norte do Maranhão, há cerca de 70 km da sede do município de Alcântara - Ma (figura 1), a qual se limita ao este com o município de Cajapió e a bacia de São Marcos, a Oeste e norte com oceano Atlântico e ao sul com o município de Cajapió. O acesso ao povoado se dá por meio da MA - 106, quilômetro 308, pela estrada de Pinheiro, ainda mais rápido pode ser também acessada por meio de barco pela baía de São Marcos. É o mais influente de uma rede de 42 povoados que recebem um título conhecido como terras de Santa Tereza (PEREIRA, 2012).

Geologicamente, o município de Alcântara se encontra na bacia sedimentar do Parnaíba, possuindo as formações: Itapecuru, grupo barreiras, depósitos de pântanos e mangues, depósitos fluviomarinhos, depósitos de cordões litorâneos e depósitos aluvionares. (CPRM, 2011). O Relevo é formado por planícies fluviais e fluvio-marinhas. Com superfície extremamente horizontalizada, onde os sedimentos predominantes são a areia e a argila (FEITOSA, 2006). Os solos da região são: Latossolo Amarelo, Podzólico Vermelho Amarelo, Plintossolos, Gleissolos e Solos de Mangue (EMBRAPA, 2006). A vegetação é caracterizada por mangues e por se apresentar no bioma amazônico, possui vegetações altas e densas (EMBRAPA, 2006). Em relação a hidrografia os principais rios são do Explendor, Peri-Açu, Pratitá e muitos Igarapés (CPRM, 2011), que serviam no passado como fontes de matérias-primas e para o escoamento da produção cerâmica.

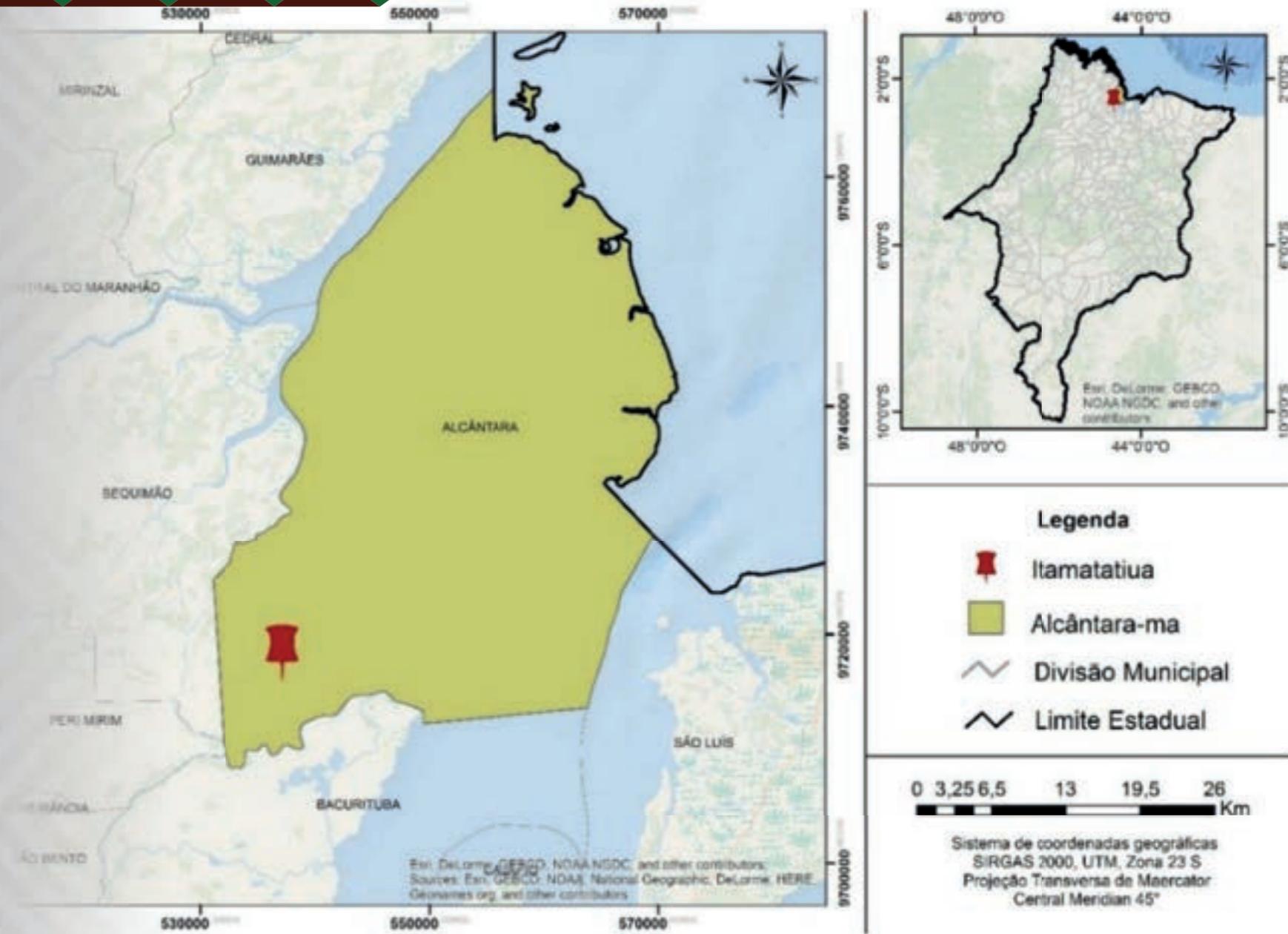


FIGURA 1. LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ITAMATATUA, ALCÂNTARA - MA. FONTE: AUTORES, 2018

O modo de fazer cerâmica

O município de Alcântara concentra o maior número das comunidades quilombolas certificado no Brasil. Segundo a Fundação Palmares, são contabilizadas 156 comunidades certificadas. No caso de Itamatatiua, documentos históricos informam que as origens do povoamento a existência de uma fazenda da Ordem Carmelitana na região, que, após o declínio do período escravocrata, foi extinta e as terras remanescentes foram deixadas para a população afrodescendente, que iniciaram a ocupação da área.

A comunidade quilombola de Itamatatiua, possui aproximadamente 320 anos sendo formada por 130 famílias e cerca de 500 habitantes. A Líder da comunidade é Dona Neide de Jesus, é ela que define a forma de administração das terras na comunidade e resolve os fatores primordiais para continuidade da tradição social e religiosa do local. A posse da terra é defendida por meio de uma “pedra documento” deixada na igreja da comunidade pelos membros da ordem do Carmo, e por conta disso, torna-se um documento comprovador de doação de terras para Santa Teresa e guardada pela comunidade (figuras 2a e 2b).

O território é de grande importância para uma comunidade tradicional, pois é ali que é assegurado o modo de vida e a permanência da cultura herdada por seus antecedentes, para que isso permaneça existindo há toda uma organização social e política nesses espaços. Conforme o (INCRA, 2017, p.7):



FIGURA 2A - SEDE E DE PRODUÇÃO DE CERÂMICAS EM ITAMATATIUA - MA



FIGURA 2B - LOJINHA COM OS PRODUTOS CERÂMICOS À VENDA NO PRÓPRIO GALPÃO DE PRODUÇÃO

FOTOS: ARKLEY BANDEIRA (2017)

É a partir da efetiva incorporação dessas características físicas e simbólicas (a terra e a vida social específica que ocorre sobre a mesma) que os membros dessas comunidades se reproduzem física e socialmente e se apresentam modernamente enquanto titulares das prerrogativas que a Constituição lhes garante. É o domínio dessas características que acabam por vincular as pessoas ao território, e não o contrário, pois o território é o todo que garante a continuidade da vida e a comunidade e seus membros são uma de suas partes.

Economicamente, a comunidade se mantém por trabalhos de agricultura familiar, extrativismo vegetal, pesca, criação de animais e da produção de peças de cerâmica realizada pelas mulheres, que é um trabalho muito reconhecido na comunidade, além das características culturais ricas e marcantes por meio de tradição de festas e movimentos religiosos tais como rodas de tambor de crioula e o festejo da Padroeira Santa Tereza de Ávila ou Santa Tereza de Jesus. A produção da cerâmica em Itamatatuiua é feita artesanalmente e assadas em três grandes fornos situados no Centro de Produção (figuras c e d), onde fica também o salão de vendas com todas as peças prontas. Os principais recursos na manufatura das peças da cerâmica são a argila, a areia, a água e o Itaquipé.

A seguir apresentamos o passo a passo da manufatura cerâmica, abordando a cadeia operatória da manufatura.

A coleta da argila

A coleta da argila é realizada próximo do centro de produção, no quintal das casas, onde se cava cerca de 1,20m a 1,50m de profundidade até encontrar o veio da argila apropriada para o consumo. Neste trabalho são usadas cavadeiras, enxadas baldes e côfos para a retirada e transporte para a superfície. A extração do material é feita no verão e de forma sustentável, pois é feito um rodízio para dar tempo do baixão se recuperar, com novos depósitos de sedimentos, após o período de chuvas, evitando a degradação e a super exploração. A argila é extraída somente no período seco e em grande quantidade e estocada para que se tenha essa matéria-prima no período chuvoso



ESTOCAGEM DA ARGILA NO QUINTAL DO GALPÃO



COLETA DA ARGILA NO QUINTAL DA CASA DE DONA NEIDE DE JESUS

Extração do itaquipé

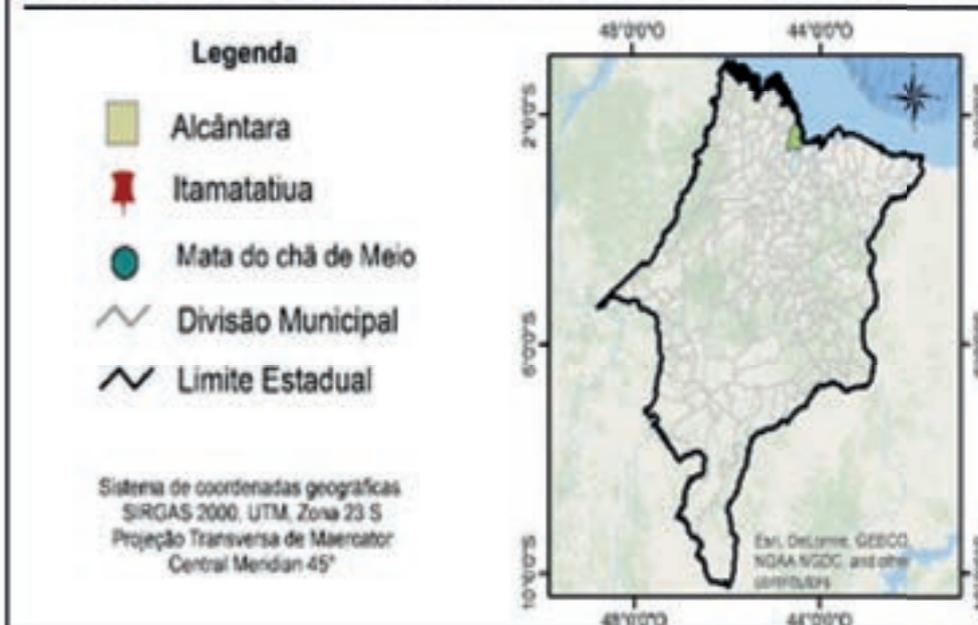
O itaquipé ou taquipé é uma árvore, cuja casca seca é utilizada como tempero ou antiplástico da cerâmica. Ele serve para dar liga à argila ainda mole e permitir a sua moldagem. Esta matéria-prima é utilizada apenas nos produtos que vão ao fogo diferentes vezes no processo de cozimento de alimentos, como assadeiras, panelas e outras peças mais valiosas. Mas somente três ceramistas fazem a manipulação do barro e do itaquipé porque nem todas sabem manipular.

Existem dois tipos de itaquipés, que são extraídos na mata do Chã do Meio, uma área que é bastante preservada e vigiada pelas ceramistas. Existem uma árvore pequena de coloração clara puxando para o acinzentado, com os seus troncos mais finos, e o itaquipé de tom mais escuro, cujo tronco é mais grosso e a árvore ganha maior porte. Esse último é o mais usado pelas ceramistas, mas para que isso aconteça, cortam o tronco e deixam apodrecendo cerca de um ano, até que a casca possa sair com facilidade. Por ser uma árvore de boa madeira está em extinção e por isso, na comunidade é proibido tocar fogo de roçagem nas áreas onde existem o itaquipé.

A busca dessa matéria é sempre realizada em equipes, formadas por mulheres e poucos homens, geralmente estes são os responsáveis por cortar a árvore, abrir a trilha e ajudar a carregar o itaquipé até o veículo de transporte. O itaquipé fica localizado na Mata do Chã do Meio, situado cerca de 5km do Povoado (mapa ao lado).



MATA DO CHÃ DE MEIO, LOCALIZAÇÃO ONDE SE REALIZA A EXTRAÇÃO DO ITAQUIPÉ.



**ITAQUIPÉ BRUTO
(CASCA COMO FOI EXTRAÍDA);**



**ITAQUIPÉ QUEIMADO
E SOCADO**



**ITAQUIPÉ
PENEIRADO.**



Preparação da argila e do itaquipé para a produção

Geralmente, as ceramistas preparam a argila para produção em quantidade certa para um período semanal e para isso seguem as seguintes etapas: Pegam parte do estoque e deixam descansar por três dias, após esse período colocam a

argila no maromba (máquina elétrica que serve para misturar e amaciar a argila e a areia), dão mais um período de pausa de alguns dias, onde novamente é “temperada” com a adição de areia fina e água, para ser amaciada mais uma vez, é quando

se inicia o processo de montagem das peças. Ao passo que o itaquipé, é colocado para secar, para depois ser queimado ao ar livre, socado e peneirado (figura c na pág. 46) o fino pó é guardado em sacos ou recipientes plásticos.

Processo de produção e moldagem

A produção das cerâmicas é feita a mão e por isso é preciso ter técnica, geralmente adquirida dos mais velhos para os mais novos. O formato e tipo de peça dependem da inspiração das ceramistas que produzem de jarros a bonecas, passando por alguidares, potes, panelas, vasos, que denotam grande variedade e um trabalho que requer atenção, paciência e muita criatividade (figuras D e E). No caso de Itamatatuiua, segundo Bandeira (2018), o modo de fazer cerâmica se assemelha bastante à tecnologia indígena brasileira, principalmente pelo uso da sobreposição de roletes ou tiras para construção e estruturação dos artefatos, técnica denominada de roletada ou acordelada. Tal situação é particularmente importante, visto que não existem populações indígenas autorreconhecidas ou oficiais na área da pesquisa. Logo, esses indícios vêm indicando fortes relações afro-indígenas, que estão perpetuadas nos fazeres, modos de ocupação do território, uso do espaço e tecnologias de cerâmica, cestaria, dentre outros, bem como no universo simbólico e nas religiosidades.

E

VASO CERÂMICO ESTRUTURADO COM OS ROLETES UNIDOS

C

EQUIPAMENTOS NECESSÁRIOS À MANUFATURA CERÂMICA

D

Muitas peças remetem ao passado quando usava-se para utilidade doméstica no dia-a-dia como vasilhas para colocar alimentos, água, panelas, filtros, fogareiros etc. Com o aumento do turismo e as visitas constantes à comunidade, a produção de cerâmicas mudou para peças pequenas e mais fáceis de carregar, e os jarros e potes maiores são produzidos mais sob encomendas por serem mais caras e mais difíceis de produzir.

A produção é feita de forma coletiva, mas cada uma é responsável por seus produtos e os conhecem muito bem. A venda também acontece de forma coletiva, mas o dinheiro é coletado de forma individual, conforme a autoria da produção. As crianças também participam da produção, fazendo peças menores. Antes da queima é preciso que as peças sequem, necessitando de tempo e cuidado, pois não pode ser colocada em qualquer lugar, precisa-se de um espaço ventilado, mas sem calor do sol para evitar que essas rachem ou sequem a ponto de ficar dura. O tempo de secagem pode durar até oito dias, dependendo da peça e da condição do tempo.

Quando secas, as cerâmicas são po-

lidas com o cuipeua (espátula), seixos e escovas, até deixá-las lisas (Figura F). Depois disso são levadas ao forno de forma organizada e cuidadosamente evitando que quebrem. Por isso as maiores peças ficam embaixo e as menores encima, depois tampam o forno com peças de zinco reutilizáveis.

Na hora de assar as peças, o papel do enforador é fundamental, é ele que escolhe a lenha, que acende o fogo, além de sempre controlar o tempo e o processo de queima que pode durar até 12 horas, esse trabalho requer atenção e disposição pois não pode deixar o fogo se apagar e nem ficar muito alto. O ponto de queimada é quando a cor da fumaça torna-se clara, nesse momento o enforador retira todo excesso de brasa pra evitar que continue queimando. Atualmente quem desempenha esse papel é o Sr. João dos Santos.

Após o período de queima, acontece o desenforno que pode ocorrer até 3 dias depois da queima pois é preciso que as peças estejam totalmente frias pois pode ocorrer o choque térmico e quebrar a cerâmica. Assim que desenforada, a cerâmica é limpa e quando há rachaduras ou com pequenos trincagens são restauradas, mas



FORNO DE QUEIMA DE CERÂMICA, COM OBJETOS JÁ QUEIMADOS EM SEU INTERIOR

REFERÊNCIAS

ARNOLD, D. (1985). Ceramic Theory and Cultural Process. Cambridge, Cambridge University Press.

BANDEIRA, A. M. (2013). Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luís – MA: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica. Tese de Doutorado. 2013. Tese. Programa de Pós-graduação em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.

BANDEIRA, A. M. (2018). Aproximações entre a etnografia arqueológica e os modos de fazer na Comunidade Quilombola de Itamatatiua, Alcântara – Maranhão. Revista de Arqueologia Pública, n. 12. V. 2. UNICAMP: Campinas.

BANDEIRA, A. M. (2018). BANDEIRA, Arkley Marques. A produção ceramista tradicional na Comunidade Quilombola de Itamatatiua, Alcântara - Maranhão: técnicas de manufatura. In Anais do I Seminário Internacional Povos e Comunidades Tradicionais frente aos projetos de desenvolvimento. São Luís: GEDMMA – UFMA.

BELLIDO, A. V.; LATINE, R. M. (2013). Cerâmicas arqueológicas brasileiras: uma revisão de estudos arqueométricos em sítios arqueológicos do Acre, bacia Amazônica e da Região dos Lagos, Rio de Janeiro. Universidade federa fluminense- Niterói.

CPRM (2011). Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea, estado do Maranhão: relatório diagnóstico do município de Alcântara-Maranhão. Teresina-Brasil.

EMBRAPA (2019). Solos do Nordeste. Recife, 2006. Disponível em: <<http://www.uep.cnps.embrapa.br/solos/index.html>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

INCRA (2017). Regularização de território quilombola, perguntas e respostas. Brasília.

IPHAN. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

FEITOSA, A. C; TROVÃO, J R (2006). Atlas escolar do Maranhão: espaço geo-históricocultural. João Pessoa: Grafset.

FONSECA, J. J. S. (2002). Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC.

PEREIRA, C. C. M. (2011) Mitos da cultura africana: elementos de informação e preservação da memória na Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatiua. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB.

História Indígena no Baixo Parnaíba Maranhense: o processo de retomada/levante do povo Anapuru Muypurá

ANA CAROLINE AMORIM OLIVEIRA¹
RICHARDES LIMA SOUZA²
FELIPE CALDAS RAMOS³
EDILEUZA DOS SANTOS SILVA⁴
RONEY RODRIGUES DO MONTE⁵

Ainda no ano de 2022 realizamos a segunda pesquisa de campo no Município de Brejo – MA, nos dias 3 e 4 de novembro



FAMÍLIA DE GISELE COM O LUCCA MUYPURÁ. GISELE FALOU QUE OS MORADORES DE IGAÍPE NÃO SE RECONHECEM COMO QUILOMBOLA, ASSIM COMO OS MORADORES DO POVOADO SANTA HELENA, PORQUE AMBOS OS TERRITÓRIOS SE LOCALIZAM PRÓXIMO AO POVOADO SÃO RAIMUNDO, QUE É UM TERRITÓRIO QUILOMBOLA.

¹ Docente do programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade-PGCULT

² Bolsista de Iniciação científica do Pibic/Cnpq. Graduando em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo-UFMA.

³ Bolsista de Iniciação científica do Pibic/Fapema Graduando em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo-UFMA.

⁴ Bolsista de Iniciação científica do Pibic/Cnpq. Graduando(a) em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo-UFMA.

⁵ Pesquisador de Iniciação científica do Pibic Graduando(a) em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo-Ufma.



**DONA MARIA EDITE
COM OS SEUS POTES DE BARRO
E CHAPÉUS FEITOS COM A FIBRA DO
TUCUM. A MESMA TAMBÉM SABE PRODUIR
JARROS, BACIAS, PANEAS DE FAZER ARROZ, ETC.**



**SEU
JOSÉ BENTO,
GRANDE OLEIRO DE TELHAS
E TIJOLOS, SEGURANDO UM POTE DE
BARRO PRODUZIDO POR ELE, A PARTIR DO
CONHECIMENTO ANCESTRAL DA SUA AVÓ,
FRANCISCA LOPES DO NASCIMENTO.**



**SEU ANTÔNIO
JOSÉ É UM GRANDE
ARTESÃO DO POVOADO
IGAÍPE, E É CONHECIDO POR
FAZER TAMBOR DE CRIOLA E GRADE
DE BOI PARA AS FESTAS EM OUTROS
POVOADOS DE BREJO, BEM COMO SER
CHAMADO PARA "BATER TAMBOR" E
CANTAR NESSAS FESTAS.**



FOTOS: ACERVO GAEP (2022).

SEU FRANCISCO, CONHECIDO COMO SEU CHICO, É UMA IMPORTANTE LIDERANÇA QUILOMBOLA DO TERRITÓRIO SACO DAS ALMAS, QUE É COMPOSTO POR 7 "MICROCOMUNIDADES, A SABER, VILA DAS ALMAS, VILA CRIOLIS-BOCA DA MATA, VILA SÃO JOSÉ, VILA PITOMBEIRA, FAVEIRA, SÃO RAIMUNDO-BOA ESPERANÇA E SANTA CRUZ (VIANA, 2019).



FOTOS: ACERVO GAEP (2022).

I ENCONTRO DO IGAÍPE "MEMÓRIAS LUTAS E PERTENCIMENTO" NA COMUNIDADE, QUE SE REALIZOU NO DIA 14/01/23, QUE SE DEU-SE A ÊNFASE AS SUAS VIDAS E MEMÓRIAS É PERTENCIMENTO, RESGATANDO A SIM SUAS MEMÓRIAS QUE FORAM SILENCIADAS .2023



FOTOS: ACERVO GAEP (2022).

**SEU ANTÔNIO NO
I ENCONTRO DO IGAÍPE
“MEMÓRIAS LUTAS E PERTENCIMENTO
”NA COMUNIDADE IGAÍPE. 2023**

MULHERES E SUAS PRÁTICAS DE CURAS XINGUARA-PA: UM OLHAR A PARTIR DE GÊNERO E MEMÓRIA

CIBELE NUNES CABRAL¹

A presente pesquisa propõe compreender de que forma o patriarcado influi nos papéis sociais e rituais religiosos exercidos por mulheres de Xinguara- PA, Sul do estado, sua mesorregião Sudeste Paraense.

A pesquisa visa compreender a identidade e memória dessas mulheres e suas religiosidades exercidas em suas práticas de curas e como suas visibilidades no processo de construção dos espaços femininos, no ofício da cura espiritual e biológica, que praticam o seu ofício.

As práticas de cura tradicionais, exercidas em espaços configurados religiosos por representatividades femininas, em que essas referências vivas que contribuem de forma coletiva, por estarem envolvidas no processo de saberes e curas, e por serem mulheres e reproduzirem esses dons mesmo sendo silenciadas, discriminadas e invisibilizadas e subalternizadas.

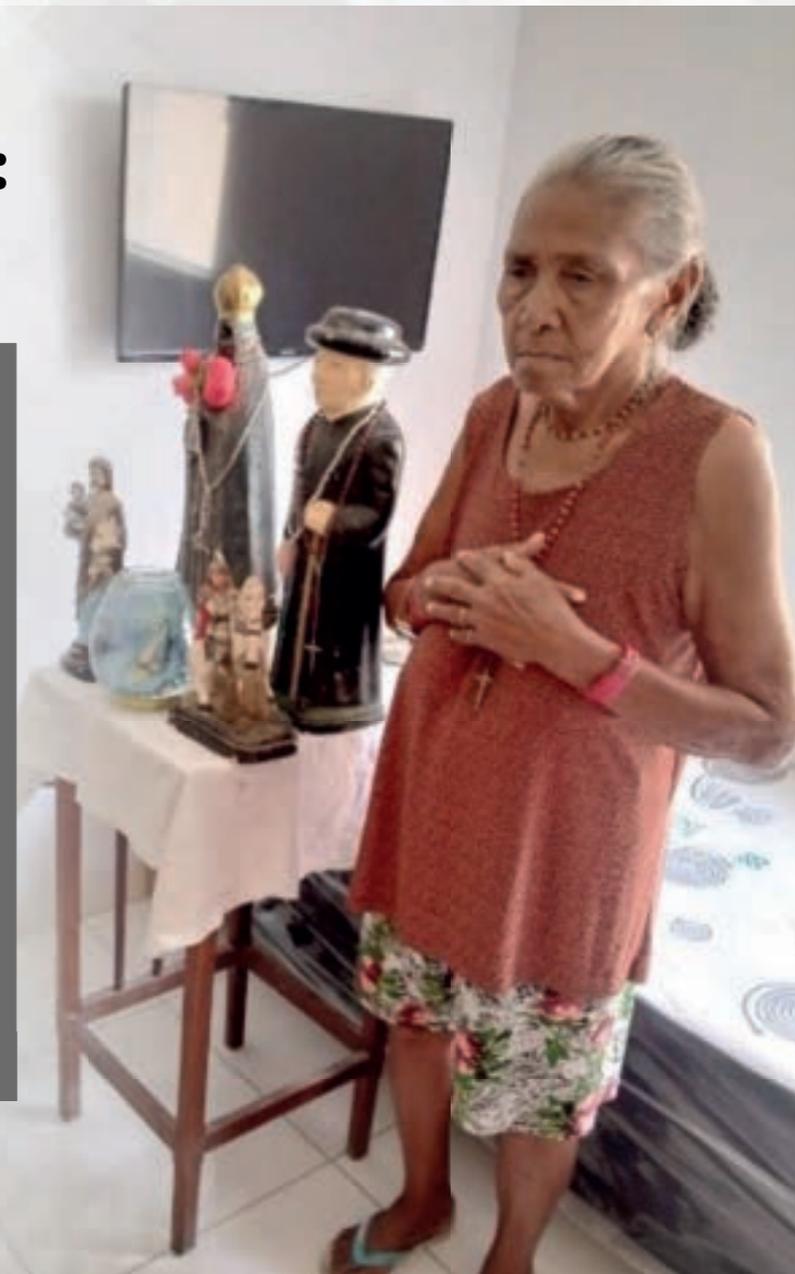
Para descrever a construção desse gênero, dentre os diversos campos que compõem o discurso, essas mulheres apropriam-se de seus conhecimentos e dons, por meio de ensinamentos que atravessam gerações além das ancestralidades, com seus dons de curas da saúde, espirituais e emocionais.

¹ Mestranda do Programa Interdisciplinar em Cultura e Sociedade-PGCULT/UFMA E-mail: cibelecabral@hotmail.com



REZO DE DOR DE DENTE QUE FICA CURADO SEM DORES

A proposta metodológica da pesquisa, é do tipo etnográfica, por se contextualizar na memória, identidade, território e nas vivências dessas mulheres em suas religiosidades e seus dons de cura na sociedade contemporânea, e pela maneira como são descritos os elementos dessa cultura, a exemplo



A DONA SALOMÉ A SIMPLICIDADE E A REPRESENTATIVIDADE SIMBOLICA DO CATOLICISMO

das crenças, dos comportamentos e dos valores (GIL, 2002).

Esse ensaio fotográfico por fazer parte da pesquisa em andamento, representada pela diversidade cultural e religiosa, marcadas pelas feminilidades dessas mulheres detentoras de saberes e práticas de cura de acordo com suas religiosidades, cada uma delas apresenta seus dons regadas das variadas ancestralidades. Fotos compartilhadas pelo arquivo familiar e autorizadas pelas interlocutoras.

Maria da Conceição Rodrigues, conhecida como Dona Salô ou Dona Salomé, por conta do nome que era de sua mãe, natural de Guadalupe - PI, atualmente com 84 anos, em conversas informais compartilhou que se mudou para Xinguara -PA com a chamada em “Busca pela terra”, em 1986 se estabilizando com a família até os dias atuais.

Dona Salomé se autodeclara benzedeira e rezadeira, católica e devota do Divino Pai Eterno, compartilhou que já cantou em várias Folias de Reis, é procurada pela sociedade xinguarense por seus dons de benção em crianças e adultos como arca caída, quebranto, dores de dente e cabeça das mais variadas dores e enfermidades da saúde e espirituais, também é procurada por proprietários de fazendas para rezar contra pragas.

ARQUIVO PESSOAL ANO 2022.



MARIA MADEIRA DE SOUZA, NATURAL DE GRAÇA ARANHA - MA, MUDOU-SE PARA XINGUARA - PA, COM A FAMÍLIA EM 1982, ATUALMENTE AOS SEUS 69 ANOS, CONHECIDA NO MUNICÍPIO POR SEUS DONS RELACIONADAS AS CURAS E DE FÉ, TANTO ESPIRITUAIS COMO DA ALMA, SE AUTODECLARA BATIZADA NA UMBANDA. É PROCURADA NO MUNICÍPIO PELOS SEUS DONS E SUAS PRÁTICAS COM A RELIGIOSIDADE E SUAS GARRAFADAS E BANHOS DENTRE OUTROS. O ESTABELECIMENTO MISTICO DE DONA MARIA, E A SIMBOLOGIA DA GENEROSIDADE, AMOR E HUMILDADE OS PRETOS VELHOS.





REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Tradução de Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTE, Patricia Carvalho. De “nascença” ou de “simpatia”: iniciação, hierarquia e atribuições dos mestres na pajelança marajoara. 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

CORDEIRO, Maria da Conceição da Silva. Doença de feitiço, ações terapêuticas e os percursos de cura em terreiros de umbanda e candomblé em Macapá-AP. 2016. 228f. - Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2016.

EAGLETON, Terry. A Idéia de Cultura. São Paulo: Editora Unesp. 2005.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE Glauco. “A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari”. Geographia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Vol. 4n. 7, 2002, p. 7-22. <http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13419>.

HAESBAERT, Rogério. Territórios alternativos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HALBWACHS, M. A Memória coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.); HALL, Stuart;

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia, n. 322. Brasília: Departamento de Antropologia, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. (1986). Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, ano 5, n. 31.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Gisela Macambira VILLACORTA. “Pajelança e encantaria Amazônia”. In: PRANDI, Reginaldo (org.). Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. O dom xamanístico e a sujeição feminina numa comunidade amazônica. Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, I Antropologia. Belém: EDUF-PA, 1980.

MOTTA-MAUÉS MA. “Lugar de mulher”: representações sobre os sexos e práticas médicas na Amazônia (Itapuá/Pará). In: Alves PC; Minayo MCS. (Org.). Saúde e doença. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 1994. p. 113-126.

POLLAK, Michael. Memória, Silêncio, Esquecimento. Revista Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

SILVA, Jerônimo Silva e; SARRAF-PACHECO, Agenor. Diásporas de encantados na Amazônia Brasileira. Horizontes Antropológicos (Online), v. 21, p. 129-156, 2015.

MACHADO, Lia Zanotta. Perspectivas em confronto: Relações de gênero ou Patriarcado Contemporâneo? Sociedade Brasileira de Sociologia. Simpósio Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo, 52ª Reunião Brasileira para o Progresso da Ciência. Brasília: SBP, 2000.

NASCIMENTO, Beatriz. Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição. – 1. ed. – Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

RATTS, Alex. Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial / instituto Kuanza, 2006.



Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Lei n. 10.994, de 14 de dezembro de 2004

TÍTULO

OLHARES E ENCRUZILHADAS SOBRE OS
POVOS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NO NORDESTE

ORGANIZADORA

Ana Caroline Amorim Oliveira

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Yvan de Jesus dos Santos Viana

FORMATO

384 x 216 mm

PÁGINAS 61

TIPOGRAFIA

CarnasW03-ExtraLight | Corpo

Causten Black | Títulos

